



134.3-9Maia,J.M



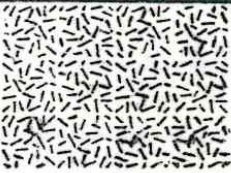
Le desir de meriter
les louanges qu'on nous
donne fortifie notre ver-
tu; et celles qu'on don-
ne à l'esprit, à la valeur
et à la beauté, contribu-
ent à les augmenter.

De la Rochefoucault
«Reflexions morales»



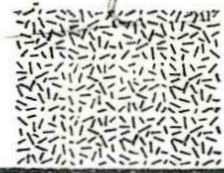
C'est en quelque sor-
te se donner part aux
belles actions que de les
louer de bon coeur.

Do mesmo, *ibidem*



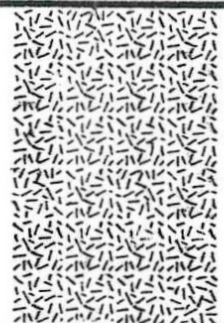
opereum cum omnia coluntur & ...
Jus. Hooper. Ba. ...
Quemadmodum ...

Barcelos
7/5/1916



Le desir de meriter
les louanges qu'on nous
donne fortifie notre ver-
tu; et celles qu'on don-
ne à l'esprit, à la valeur
et à la beauté, contribu-
ent à les augmenter.

De la Rochefoucault
«Reflexions morales»



C'est en quelque sor-
te se donner part aux
belles actions que de les
louer de bon coeur.

Do mesmo, *ibidem*



Typ. de F. Marinho



Barcelos
Pern.

0008

A's Ex.^{mas} Senhoras

D. Maria Isolete Esteves
D. Maria Noemia Valongo
D. Maria Candida Araujo
D. Berta Valongo
D. Ema de Faria Lamela
D. Maria da Graça de Faria Lamela

Aos Ex.^{mos} Senhores

Dr. Domingos de Figueiredo
Antonio Cardoso d'Albuquerque
Eliseu Roriz d'Azevedo
Antonio Pereira d'Araujo
Artur Roriz Pereira
Armando Miranda
João Pacheco Leite
Luiz Carvalho
Ilidio Moreira
Antonio Martins Lima
Manoel Afonso Pereira
Aurelio de Faria Lamela
Adelio Carvalho da Silva
Domingos Guimarães Esteves
Antonio Roriz d'Azevedo

**Recordação das noites
de 30 de Abril de 1916
e 7 de Maio de 1916.**

Reunindo nestas modestas páginas as palavras tôscas que nos acudiram á mente para celebrar os triumphos da Arte, de que Vós fostes admiraveis interpretes, não fazemos mais do que associarmo-nos ás vossas alegrias, prestando homenagem aos vossos meritos.

A oferta é simples e sem valor; mas não soubemos encontrar melhor preito da nossa simpatia, porque, como já dizia o divino Dante:

Vero è che, come forma non s'accorda
Molte fiate all' intenzion dell'arte,
Perchè a risponder la materia è sorda.

*J. M. B. dos Reis Maia
Gonçalo J. d'Araujo*

NO GIL VICENTE

A recita de domingo de Paschoela

Ainda bem que, num meio como o nosso, infelizmente tão rebelde á execução de boas iniciativas, se creou, desenvolveu e sobretudo vingou o plano de um espectáculo no theatro da nossa terra, realisado com o sympathico concurso de gentilissimas senhoras e illustrados cavalheiros da sociedade barcellense.

Passam-se habitualmente doze longos mezes de hibernação scenica no palco do Gil Vicente, até que, uma vez por anno, e apenas por umas duas noites, alli surge, como por milagre, uma companhia theatral a desempoeirar os camarins, e a tirar do entorpecimento os scenarios humedecidos e bolorentos.

Dada a exiguidade de numero das boas companhias dramaticas portuguezas, e ainda a difficuldade que ellas teem em vir ao theatro da nossa terra, Barcellos está condemnada a não ver representar no seu palco senão uma ou duas vezes por anno.

Para combater tal signa, só um remedio podia haver: era o de se organisar um grupo dramatico barcellense, com gente nossa, com os elementos que aqui fosse possivel desencantar.

VIII

Era difficil. Ha um mez, parecia isso uma tentativa ingrata e esteril.

Mas hoje, não. A difficuldade está vencida; o grupo formou-se; e o primeiro espectaculo que nos deu marca uma carreira auspiciosa e brilhante nos dominios da Arte theatral barcellense.

Deve, pelo menos, ser esta a impressão de todos quantos assistiram á recita de domingo ultimo.

Alli passámos horas de verdadeiro prazer espirital, como ha muito tempo não experimentamos na plateia do Gil Vicente.

E' que a execução do programma excedeu, em tudo, as nossas, aliás bem fundadas, expectativas.

Principiou o espectaculo pela representação do lindo sainete em verso, de Julio Dantas, «D. Ramon de Capichuéla».

Nada diremos da peça, que é deliciosa e encantadora como todas as produções do seu insigne autor.

Fallemos da sua interpretação. O papel de *Rosal* foi confiado á Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Isolete Esteves; e o de *D. Ramon*, ao Ex.^{mo} Snr. dr. Domingos de Figueiredo.

Rosal é aquella creatura ladina e desinvoltta, cheia de agilidade e graça feminina, a contrastar com a figura altiva mas pacata de *D. Ramon*, typo perfeito da bravata hespanhola.

De difficil representação, como todas as peças escriptas em verso, a Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Isolete Esteves soube vencer todas as difficuldades do seu papel, dando-nos uma *Rosal* graciosa e esbelta, cheia de encanto e vivacidade. Dizendo com brilho, numa voz deliciosamente mo-

dulada, gesticulando com garbo e propriedade, e soltando umas gargalhadas sonoras muito femininas, deu-nos a impressão de que estávamos em frente de uma d'essas lindas figuras nativas de Hespanha que, por vezes, atravessam, rindo, os palcos dos nossos theatros, perfumando-os com as suas maneiras gentis.

Não se podia exigir mais de quem nunca pisou a scena de um theatro, e tinha pela primeira vez, deante de si, um auditorio numeroso, cheio de esperanças e curioso de sensações.

Estamos seguros de que a Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Isolete Esteves, aproveitando todos os recursos de que dispõe, nos creará ainda typos deliciosos de personagens dramaticas, insufflando-lhes a sua alma e dando-lhes a vida dos seus sentimentos.

Assim lh'o auguramos com ardor, para gloria da Arte e para satisfação dos que tiverem o prazer de a ouvir.

No papel de *D. Ramon*, o Ex.^{mo} Snr. dr. Domingos de Figueiredo fez aquillo que ja todos esperavam dos seus amplos conhecimentos scenicos.

Interpretou o seu personagem por uma forma admiravel de precisão e enthusiasmo. Mostrou-nos um *D. Ramon* senhoril e galante, como devia ser o imaginado pelo autor da peça.

O Ex.^{mo} Snr. dr. Domingos de Figueiredo é, já agora, um elemento imprescindivel. Sem elle nunca se teria levado a cabo o espectáculo de domingo: é o seu maior elogio, e deve ser esta a sua maior gloria.

Depois do «*D. Ramon de Capichuélá*» ouvimos, com prazer, ao piano, as Ex.^{mas} Snr.^{as} D.

Maria da Graça Faria Lamella e D. Emma de Faria Lamella, que foram muito applaudidas, como mereceram.

Seguiram-se depois os dialogos em verso: «A Camponeza» e «Boas Noites», interpretados pela Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Noemia Vallongo e pelo Ex.^{mo} Snr. Antonio Cardoso.

Na representação da «Camponeza» e «Lava-deira», a Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Noemia Vallongo houve-se de uma forma inexcedivel. Era impossivel dizer melhor.

Sua Ex.^a tem qualidades naturaes que muitas vezes se não encontram em profissionaes da scena.

A sua apresentação no palco, firme, decidida, resoluta, mostra bem que a Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Noemia é capaz de representar papeis de muito maior folego do que aquelles que na recita de domingo lhe foram confiados.

A sua dicção é perfeita, o seu gesto é significativo, o seu porte é senhoril e distincto.

Pisando o palco com immensa graça, enlevou toda a assistencia com os donaires da sua gentil figura, em cujos labios poisava permanentemente um sorriso de fina ironia feminina.

Em papeis de maior importancia, s. ex.^a hade dar nos interpretações maravilhosas, cheias de calor e entusiasmo.

Oxalá que assim aconteça, para que então possamos ter a occasião de a apreciar convenientemente, como os seus muitos meritos promettem e exigem.

Representou-se depois o engraçado disparate comico «A Traição de... Ophelia», que teve as honras ultra-comicas da noite.

Foi superiormente desempenhado pelos Ex.^{mos} Snrs. Eliseu Azevedo e Antonio de Araujo.

O snr. Eliseu Azevedo é elemento de grande valor. Fez admiravelmente o seu papel. Conheciamos-lhe a veia, mas confessamos que não esperavamos que tão bem se soubesse aproveitar d'ella no palco. O mesmo diremos do snr. Antonio Araujo, que contrascenou brilhantemente com o snr. Eliseu Azevedo. São dois amadores distinctos, e d'aqui os felicitamos muito vivamente.

Por ultimo, subiu á scena o «Morgado de Fafe em Lisboa» — que a nosso ver, obteve do snr. dr. Domingos de Figueiredo uma interpretação primorosa. S. ex.^a revelou-se ali o que era: um amador inimitavel, capaz de desempenhar os mais rudes e ingratos papeis.

O snr. dr. Domingos de Figueiredo retratou com justeza o estouvado «Morgado» de provincia d'aquelles tempos, desenhado por Camillo.

Gesto, voz, dicção—tudo a character. Conheciamos a peça, e nunca julgamos que ella tivesse tanto successo, como teve, devido á interpretação de s. ex.^a.

Para esse successo concorreram todos os demais que trabalharam no «Morgado», incluindo as Ex.^{mas} Snr.^{as} D. Maria Noemia, D. Maria Isolete, D. Maria Candida Araujo e D. Bertha Vallongo, que são dignas de todo o elogio.

Os snrs. Eliseu Azevedo, Armindo Miranda, e Arthur Roriz Pereira desempenharam muito correctamente os seus papeis.

Os snrs. Luiz Carvalho e Illidio Moreira,

XII

posto que em papeis ingratos, houveram-se por forma a concorrer para o bom desempenho geral.

Os snrs. Antonio Lima e Manoel Affonso Pereira, nos papeis que lhes foram entregues, obtiveram grande resultado.

E o snr. João Pacheco Leite, sentado á meza do jogo, manteve sempre a attitude mais conselheiral.

Emfim, uma verdadeira noite de arte, a de domingo, no Gil Vicente.

Resta-nos felicitar: o snr. Antonio Cardoso, de meritos já por demais provados e reconhecidos, que disse muito bem os dialogos com a Ex.^{ma} Snr.^a D. Noemia, e que, com o seu trabalho competente e assiduo, foi o ensaiador do espectaculo. S. Ex.^a pode dar-se por satisfeito.

A todos em geral, e pessoalmente a cada um, as nossas mais quentes felicitações: a todos, ao Ex.^{mo} Snr. Domingos Guimarães Esteves e Antonio Roriz de Azevedo, e ainda aos caracterisadores,—que me dizem ter sido os snrs. Domingos Esteves e Joaquim do Julio, e que n'aquella noite estiveram felicissimos,—os quaes todos empregaram os seus esforços, de cujo conjuncto resultou a brilhante festa de domingo de Pascoela.

Aos Ex.^{mos} Snrs. Adelio Carvalho e Aurelio de Faria Lamella—que com mimo recitaram duas lindas poesias, tambem as nossas felicitações.

E prepaparem-nos outro espectaculo, para de novo termos o prazer de os felicitar.

R. M.

NO TEATRO GIL VICENTE

UMA NOITE DE ARTE

Como estava anunciado, realisou-se no passado domingo, no nosso Teatro, o espectáculo promovido por um simpatico grupo de gentilissimas damas e distinctos cavalheiros da nossa melhor sociedade.

Já de ha muito que os barcelenses vinham anciosos por assistirem a essa recita — verdadeira festa de arte — que, para muitos deles, como para nós, muito de significativo representaria pelas consequencias que produziria no nosso meio social, tão pouco disposto a aceitar, convenientemente, empreendimentos desta natureza, por submetido ainda, infelizmente a preconceitos estultos, que hoje não se justificam e dos quaes preciso é que se liberte para florescimento da Arte e levantamento da convivencia social.

Ora, a nosso vêr, o primeiro passo para essa libertação está dado, e com pleno exito.

A noite para sempre inolvidavel de 30 de abril, marcando uma gloriosa etápe artistica, veio demonstrar que em a nossa terra ha elementos que, bem aproveitados, muito podem concorrer para que se ponha termo a esse retrahimento que só prejudica, torna monotona e insuportavel a nossa vida de sociedade.

XIV

Bom é, pois, que a Arte, com todas as suas mais impressivas e salutareas manifestações de beleza, actue fortemente em todos os espiritos bem formados e cada vez mais se radique em o nosso meio, de forma a levanta-lo do marasmo e da indiferença em que paira.

Festas como a de domingo só enaltecem, só glorificam e nobilitam quem as promove.

Nas grandes cidades e em geral em todos os meios cultos aonde se faz vida de sociedade, elas hoje, repetem-se com caloroso aplauso e louvor dos que a elas assistem. E as senhoras com a sua graciosidade, compartilhando nelas, dando-lhes toda a sua alma de meridionais e cobrindo-as com os seus sorrisos perfumados, cheios de frescura e encanto, sorrisos que contrastam sempre com o seu porte fidalgo e gentil, insuflam-lhes aquelle cunho de superioridade que só a sua cooperação artistica permite.

Nós, pelo que já conheciamos, pois, acompanhamos muito de perto os seus preparativos, nunca duvidamos do exito do espectáculo a que tivemos a ventura e o prazer espiritual de assistir; mas devemos dizer com a mais absoluta imparcialidade, e até com a mais viva e intima satisfação, que aquelle foi muito alem do que esperavamos.

Na verdade, tivemos por vezes a consoladora impressão de que estavamos em frente, não de simples amadores, embora muito cultos e distintos, alguns dos quais pela primeira vez pisavam o palco, mas de verdadeiros profissionais de reconhecido merito, como aconteceu com o desempenho deveras superior, inexcedivel e impecavel, por parte das Ex.^{mas} Sr.^{as} D. Isolete Es-

teves e D. Noemia Valongo, e dos Snrs. dr. Domingos de Figueiredo, Eliseu Azevedo, Antonio Cardoso, Armindo Miranda, Artur Pereira e Antonio Pereira d'Araujo.

Foi essa a nossa agradabilissima impressão e crêmos que tambem a de toda a assistencia, que aproveitou todos os ensejos para manifestar o seu pleno agrado, cobrindo de freneticos aplausos toda a acção que no palco com tanto brilho se desenrolava.

O espectáculo iniciou-se pela representação do sainete em verso «D. Ramon de Capichuéla» de Julio Dantas, o grande escritor portuguez, de indiscutivel merito, de valor positivo e que sabe sempre elevar o conceito do dialogo e imprimir valor e engenho na acção.

Quando no proscenio se ergueu o pano de bôca, na sala — que se achava artisticamente ornamentada com colchas e palmas, distribuidas por mãos de artista, como são sem duvida as do Snr. Domingos Esteves, a quem vivamente felicitamos, e que faziam sobresahir com o seu tom garrido os bustos esbeltos e gentis de algumas das nossas mais formosas patricias — estabeleceu-se um silencio absoluto, profundo, o silencio particular das grandes situações e que teve alguma coisa de impressionante e comovedor.

E' que, no palco, a Ex.^{ma} Snr.^a D. Isolete, com nitidez, doçura e a mais completa serenidade, solta da sua boca formosa e juvenil as primeiras frases do seu difficilimo papel de *Rosal*.

A Ex.^{ma} Snr.^a D. Isolete Esteves houve se com brilho. O seu desempenho foi inexcédível. Interpretou com muita felicidade o seu personagem. Teve graça e intuição artistica. Nada

XVI

lhe faltou: nem a subtilidade da frase nem a elegancia do gesto.

Disse com sentimento e impecavel correção. Com verdadeira arte e doce ironia soube salientar todo o ridiculo do seu galante e estouvado fanfarrão, desafiando-o donairosamente com gargalhadas admiraveis que tão adequadas ficavam na sua esbelta figura.

Mais não se podia exigir de quem pela primeira vez pisava o tablado scenico e interpretava um papel duma peça de tanta difficuldade.

O Snr. Dr. Domingos de Figueiredo, apesar de não nos surprehender, pois já de ha muito lhe conheciamos as suas altissimas qualidades, mais uma vez veio confirmal-as, realçando os seus meritos, que possui em elevado grau.

O Snr. Dr. Domingos de Figueiredo é um perfeito *gentleman* na scena, como o é no convivio social. Muito culto e illustrado, possui tambem um verdadeiro temperamento de artista.

No decorrer da representação, sempre elevada e impressionante, não teve um gesto que não fosse apropriado com felicidade; não disse uma frase que não se coadunasse com o papel que interpretava.

O personagem era aquele. O auctor ^{não} imaginou outro. Foi, como auctorisadamente diz o nosso particular e illustre amigo Snr. Dr. Reis Maia na sua critica da «Era Nova», simplesmente admiravel no desempenho dos seus papeis, e, por isso, um elemento imprescindivel nas festas desta natureza.

O auctor, se assistisse ao desenrolar da scena, dar-se-hia sem duvida por satisfeito, juntando os seus aplausos entusiasticos aos que abafa-

ram estrondosamente as ultimas palavras dos interpretes e que foram, como já deixamos dito, bem significativos, sinceros e justos.

Finda esta representação, que tão agradavelmente nos deixou impressionados, recitaram com brilho os distintos academicos surs. Adelio Carvalho da Silva e Aurelio Lamela, que receberam fartos aplausos.

No palco apareceram depois as Ex.^{mas} Snr.^{as} D. Maria da Graça Faria Lamela e D. Ema de Faria Lamela, que executaram com verdadeira maéstria o seu delicioso programa musical.

A Ex.^{ma} Snr.^a D. Ema Lamela mais uma vez nos mostrou os seus altos conhecimentos na Arte da musica.

Grieg não podia sêr melhor interpretada no seu «Peer Gynt». A snavidade do acorde, a firmeza na execução e o destáque das notas graves, foram deveras apreciáveis, mórmente na segunda parte «Ases Tod» que, sendo trabalhosa, é um mimo musical.

A Ex.^{ma} Snr.^a D. Ema Lamela não desmentiu a sua fama de grande professora. Ouvimos já o «Peer Gynt» por Teofilo Russel e Bonet, e devemos dizer, embora sejamos leigos no assunto, que estes celebres artistas não nos deixaram melhor impressionados. Pena é que Sua Ex.^a não se faça ouvir mais vezes, para termos o grande prazer de a aplaudir como no passado domingo.

Seguiu-se, pela ordem do programa, a representação dos interessantes dialogos em verso: «A Camponeza» de Faustino de Novaes e «Boas Noites» do grande e sempre admiravel poeta João de Deus, de que foram interpretes a Ex.^{ma}

XVIII

Snr.^a D. Noemia Valongo e o snr. Antonio Cardoso d'Albuquerque.

A sua representação entusiasmou grandemente a assistência, embora não fossem de grande valor teatral, o que, a nosso vêr, mais fez ressaltar os meritos dos interpretes.

A Ex.^{ma} Snr.^a D. Noemia Valongo, gentil figura de mulher, é possuidora de verdadeiras qualidades artisticas que muito a devem distinguir se continuar a dedicar-se a uma das mais difficeis e mais nobres das Artes—a de representar.

Muito encantadora na forma de dizer, com um porte muito seu e muita graciosidade, a Ex.^{ma} Snr.^a D. Noemia Valongo passou pela scena, a primeira vez, com verdadeiro triumpho.

O seu temperamento levemente irrequieto, a sua mobilidade fisionomica impressionante, uma das qualidades que mais se tornam necessarias aos que se dedicam a vencer as difficuldades da scena, imprimiram caracter aos personagens, muito portuguezes—tipos de lavadeira e camponeza—que com tanta felicidade desempenhou.

Disse ainda sem hesitações e com a mais completa naturalidade que, no moderno teatro, o é tambem uma das condições, senão mesmo a principal, que impõe o actor ao publico.

Emfim, a Ex.^{ma} Snr.^a D. Noemia Valongo possui todos os requisitos para agradar; tem qualidades excepcionais que deve aproveitar em papeis de outro genero e importancia, porque, no palco, a sua figura impõe-se e domina, as suas qualidades são fundamentos sem os quais a Arte não pode existir, e as que demonstrou, são, a nosso vêr, um palido reflexo do seu temperamento artistico.

O Snr. Antonio Cardoso, apesar de só ultimamente tomar conta dos seus papeis, houve-se tambem por forma a merecer o aplauso unanime de todos os espectadores, que já de ha muito conheciam as suas aptidões para o teatro. Foi o ensaiadore é elemento de muitissima valia. Estamos convencidos que a sua vontade firme e decidida foi a alma e a vida do espectaculo.

Segue-se a «Traição de... Ofélia», entre-acto comico, cujo desempenho pertenceu aos Snrs. Eliseu Azevedo e Antonio Araujo, que se apresentaram impagaveis e admiravelmente caracterisados pelo Snr. Joaquim do Julio, rapaz de muitos merecimentos.

Foi rir a bom rir. O mais sisudo teve que despertar do seu constrangimento. O Snr. Eliseu Azevedo fez vibrar admiravelmente a nota comica. Revelou qualidades invulgares e muitissimo apreciaveis para este genero de teatro. Parecenos, e este é o maior elogio que lhe podemos fazer, se dele carecesse, que o Snr. Eliseu Azevedo é que foi o auctor da peça, de pleno acordo e na mais *franca das cordealidades* com o snr. Antonio Pereira d'Araujo, amator de muitos meritos e que com ele contrascenou, mantendo a plateia na mais intensa hilaridade. Aos distinctos amadores endereçamos as nossas sinceras saudações.

O «Morgado de Fafe», comedia de Camilo Castelo Branco, deu logar, finalmente, á ultima representação da noite.

Com a maior das sinceridades devemos dizer que gostamos muito do desempenho que lhe foi dado por todos quantos na sua representação tomaram parte; mas outro tanto não aconteceu

com a peça, que achamos monotona e sem nada de interessante.

Ao Snr. dr. Domingos de Figueiredo foi distribuido o papel de maior responsabilidade, o do Morgado, aquella figura exótica e boçal que, um dia, pelas mãos do seu deputado, se viu compelido a deixar a pacatez e a sensaboria da provincia, para cahir de chofre, tal qual era, na sociedade elegante de Lisboa, a qual, já ao tempo, não servia cavacas com chá, nem se transportava de Fafe á capital pela *estrada a vapor*.

Era um papel ingrato, sem duvida; mas foi desempenhado com proficiencia e absoluta verdade.

O Morgado, creatura sem a mais leve noção do que fossem as normas da mais rudimentar delicadeza e da vida de sociedade, era aquilo que o Dr. Domingos Figueiredo consagrou na sua maravilhosa interpretação.

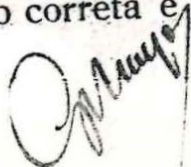
Mais de uma vez vimos este papel desempenhado pelo mais illustre dos actores portuguezes—Ferreira da Silva—e podemos afirmar que a interpretação que ele lhe dava, era perfeitamente semelhante, em todos os seus mais pequenos detalhes, á que o Snr. Dr. Domingos lhe deu.

A' Ex.^{ma} Snr.^a D. Noemia Valongo coube o papel de Baroneza de Cassuraens. Foi primorosa, mais uma vez, no seu trabalho scenico. Nesta peça pôde evidenciar melhor os seus meritos.

As Ex.^{mas} Snr.^{as} D. Candida Araujo e D. Berta Valongo, nos seus pequenos papeis, contribuíram para o exito geral da peça.

Como dissemos, não gostamos da peça; mas isso não quer dizer que não fosse bem desempe-

A ex.^{ma} senhora D. Isolete Esteves, deixou-nos, tambem, uma agradabilissima impressão. Foi muito correta e sempre interessante e graciosa.



nhada. Pelo contrario. Os Snrs. Armindo Miranda deu-nos um galan muito apreciavel; Eliseu Azevedo um deputado muito correcto; Artur Roriz Pereira um barão bem retratado, assim como os Snrs. Luiz de Carvalho e Ilidio Moreira ficaram bem nos seus papeis.

São estas as nossas impressões da noite inolvidavel de 30 de abril, que para aqui transportamos com a convicção de que usamos da maior imparcialidade.

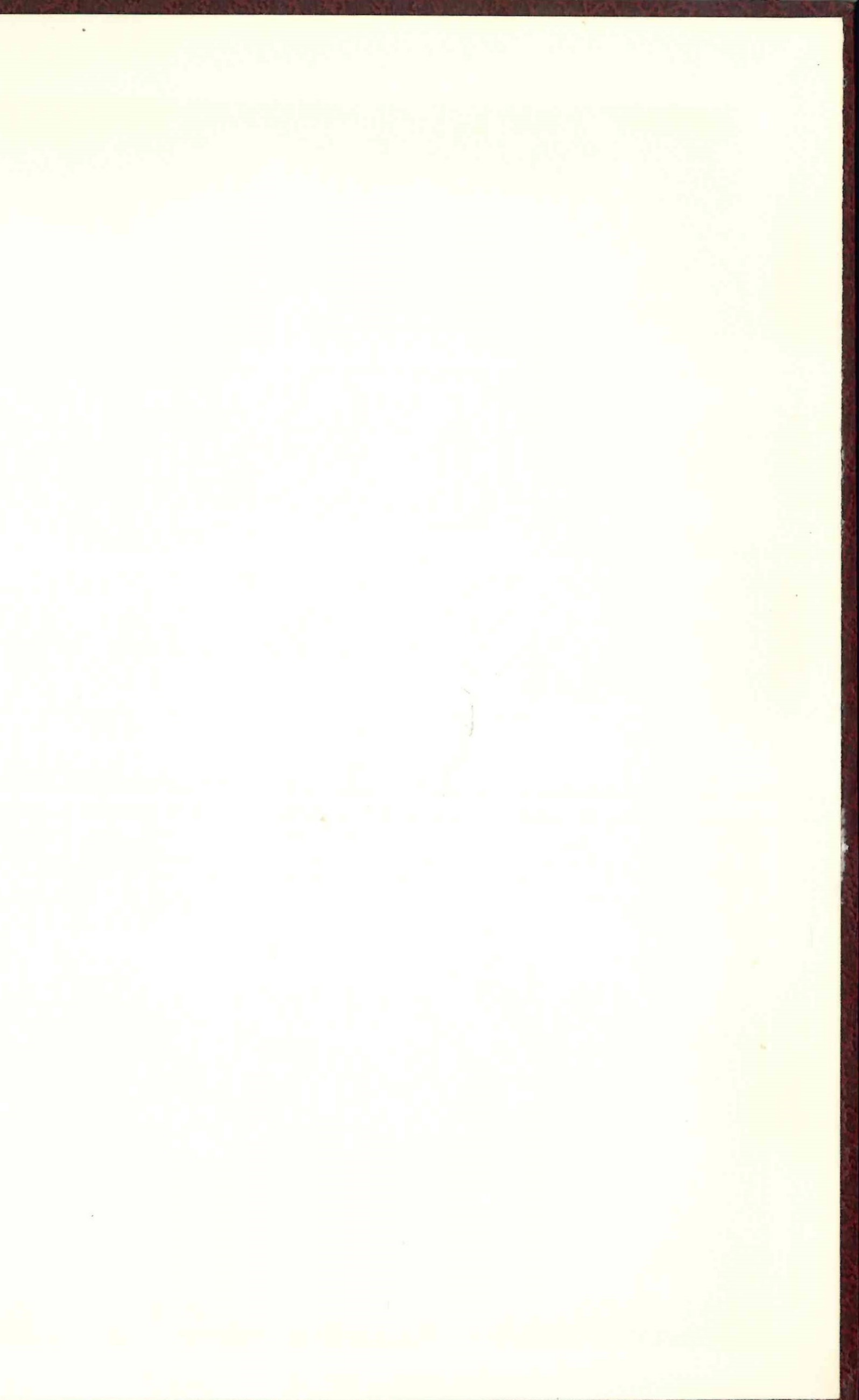
Oxalá que noites como estas se repitam, porque elas são sempre afirmações de Arte, e estas, quando elevadas, deixam sempre no espirito de todos as mais agradaveis impressões, levantam o meio em que actuam e merecem sempre o maior elogio.

Os nossos aplausos vão, pois, para todos, indistinctamente, que contribuíram para a realisação dessa festa de Arte que tanto os enalteceu, pois que, neste logar, não vemos pessoas, apreciamos apenas com lealdade e justiça factos consumados.

Gonçalo d'Araujo

De «O Cavado» de 7 de maio de 1916, n.º 17.

The first of these is the
 fact that the system is
 not self-sufficient. It
 requires a constant supply
 of raw materials and
 energy. The second is
 the fact that the system
 is not self-regulating.
 It requires constant
 human intervention to
 keep it running. The
 third is the fact that the
 system is not self-
 improving. It requires
 constant human
 intervention to keep it
 running.



biblioteca
municipal
barcelos



26867

No Gil Vicente